

## Tecendo Saberes Históricos: Marlene Cainelli E Os Trinta Anos Da *História & Ensino*

## Weaving Historical Knowledge: Marlene Cainelli And The Thirty Years Of *História & Ensino*

## Tejiendo Saberes Históricos: Marlene Cainelli Y Los Treinta Años De *História & Ensino*

Alexandre Felipe Fiuza\*

Márcia Elisa Teté Ramos\*\*

Rivail Carvalho Rolim\*\*\*

Ronaldo Cardoso Alves\*\*\*\*

Nesta edição comemorativa dos trinta anos da revista *História & Ensino*, temos a honra de apresentar uma entrevista com a professora doutora Marlene Cainelli, atualmente Professora Sênior do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O convite à docente justifica-se por sua participação decisiva na criação da *História & Ensino* e por sua contribuição fundamental para a consolidação do Laboratório de Ensino de História da UEL, bem como por sua atuação destacada no ensino e na formação de pesquisadoras(es) na graduação e na pós-graduação em História e Educação. Tais ações têm desempenhado papel significativo no fortalecimento do campo do ensino de História na instituição.

A trajetória acadêmica de Marlene Cainelli evidencia um conjunto expressivo de iniciativas desenvolvidas em âmbitos regional, nacional e internacional, sobretudo no campo da teoria do ensino de História. Sua produção e atuação têm contribuído de maneira substancial para o avanço e para a visibilidade das pesquisas em ensino de História, reafirmando sua relevância no cenário acadêmico contemporâneo.

\* Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/ Campus de Assis). Professor Associado do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

<https://orcid.org/0000-0003-2270-6816>

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professora Associada do Departamento de História e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual de Maringá.

<https://orcid.org/0000-0001-5299-2935>

\*\*\* Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor Sênior do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina.

<https://orcid.org/0000-0002-3048-7978>

\*\*\*\* Livre-Docente em Educação e Ensino de História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Associado do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina.

<https://orcid.org/0000-0002-9466-9965>




Iniciamos a entrevista com a professora Marlene Cainelli, com a presença de Márcia Elisa Teté Ramos, Ronaldo Cardoso Alves, Rivail Carvalho Rolim e Alexandre Fiuza. No dia 27 de agosto de 2025, às 13:52 da tarde no horário brasileiro, mas 17:52 em Póvoa do Varzim, Portugal.

**Alexandre:** Talvez seja interessante, Marlene, se você pudesse falar onde nasceu e estudou, se há alguma relação dessa formação com a sua origem familiar. Abordar quando você começa a se interessar pela História, se isso é precoce ou se foi tardio.

**Marlene:** Eu nasci na cidade de Dracena, interior de São Paulo, no ano do golpe de 1964. Nasci em 24 de setembro de 1964. Eu tenho dois irmãos mais novos, sendo uma irmã e um irmão. Na época em que eu nasci, minha mãe era do lar e meu pai era funcionário da fazenda que meu avô materno administrava. Então eu nasci ali naquela fazenda. Depois disso, meu pai migrou para o Paraná, onde fez um concurso da Polícia Militar e, assim, nós fomos todos para o Paraná. Na época, fomos eu, minha irmã, minha mãe e meu pai, pois meu irmão nasceu lá. Então eu posso dizer – porque meu pai migrou para o Paraná e eu tinha quatro anos – que eu sou filha de militar que trabalhou durante toda a ditadura como policial militar, e de uma dona de casa.

Eu estudei sempre em escola pública, desde a infância. Primário, ginásio, secundário, universidade, mestrado e doutorado. Eu fiz tudo em universidade pública, não fiz nada em universidade privada. Eu fiz Magistério. Então acho que um dos motivos que me levou a trabalhar na docência e para fazer curso de licenciatura na universidade, foi ter feito Magistério. Mas, quando eu entrei na Universidade Estadual de Londrina, eu entrei no curso de Educação Física, um pouco influenciada pelo meu pai, porque era militar, aquela coisa toda... Ninguém acredita que um dia eu fiz Educação Física. Entrei no curso e fiz um ano. Eu tinha 17 anos, inclusive, para eu frequentar as piscinas da universidade, meu pai teve que assinar uma autorização, por eu ser menor de idade. Então, na época – eu entrei em 1982 – o curso de Educação Física da UEL era um curso extremamente militarizado e ligado a produzir esportistas e não a formar professores. E era um curso só de licenciatura, mas ele tinha uma força muito maior em formar esportistas do que propriamente em formar professores.


E, desde que eu entrei no curso de Educação Física, eu percebi isso, até porque eu não era uma atleta. Fiz as disciplinas todas do primeiro ano, mas realmente não me identifiquei com o fato de que para eu ser uma boa professora de Educação Física eu tivesse que ser uma boa atleta. Não me identifiquei e tive muitos problemas com vários professores. Eu tinha amigas que tinham problemas de conseguir, por exemplo, fazer 800 metros em tantos minutos. E era assim a prova. Se você fazia



800 metros em tantos minutos, você tirava 10. Se você fazia 800 metros em tantos minutos, mais um segundo, você tirava 9,99. E ia baixando. Se você fazia 800 metros em 15 minutos, por exemplo, você tirava 7, 6, 5, 4, e você tirava 0, mesmo que você cumprisse a prova. Isso me irritava profundamente. Eu sempre tive um sentimento muito da ideia de que, para ser professor, você não precisa necessariamente ser, por exemplo, na época, esportista. Podia só aprender as formas de ensinar, não precisava fazer os 800 metros em 10 minutos. E eu lembro que eu tive uma briga muito forte com esse professor de atletismo, que se chamava João Borges. Acho que ele já morreu, inclusive. E eu tinha uma briga imensa com ele, inclusive, eu falei: “João, eu vou dizer uma coisa. Fique atento. Sua sorte que eu não sei dirigir, porque se eu soubesse dirigir, eu te atropelava, eu te passava por cima.” [risos] Anos depois, professora da UEL, encontro ele num café. Ele olhou para mim e falou: “Já aprendeu a dirigir?”. Eu falei: “Ah, sua sorte que não. Até hoje não aprendi a dirigir, não tenho carro.” Aí ele falou: “Ah, que bom.” Ele nunca se esqueceu [risos]. Mas, o curso de Educação Física mudou muito depois. Ganhou outros contornos, outros professores e tudo mais.


No entanto, os outros cursos da UEL tinham a mesma tônica. Por exemplo, os cursos de Letras, História e Geografia não tinham uma força na formação de professor, mas de historiador, do linguista e do geógrafo. Não tinha esse foco na docência. Quando eu decidi que eu não queria mais fazer Educação Física, eu fui à Prograd, antiga CAI, que era a Coordenação de Assuntos Estudantis, para fazer uma transferência. Podia se transferir de curso, então, fui lá. Eu cheguei para o rapaz e falei: “Eu queria fazer uma transferência de curso.” Ele falou: “Que curso você faz?”. O rapaz, inclusive, é funcionário lá até hoje – já tem tempo para se aposentar. Eu falei para ele: «Eu queria transferir de curso.» Ele falou: «Você sabe que você não pode se transferir para Medicina, certo?» Eu falei: «Claro que eu sei que eu não posso me transferir para Medicina. Só posso transferir para cursos das Ciências Humanas. Eu sei disso. Eu quero transferir para um curso de Ciências Humanas.» Ele disse: «Que curso você quer?». Eu falei para ele assim: «Olha, eu preciso transferir, porque eu não fico mais lá naquele curso de Educação Física. Qual é o curso que tem mais vaga?». Ele respondeu: «O curso que tem mais vaga é o curso de História.» E eu: «É esse mesmo que eu vou.» Então, assim, você perguntou: «Por que eu fiz História?». Eu fiz História porque era o curso na época que tinha mais vaga para transferência. Não teve alguma coisa assim, digamos, muito romântica, nem nada muito específico para eu fazer História. Foi isso.

Eu poderia até dizer que eu tive como o meu melhor professor, no ensino fundamental, um de História. E foi mesmo. Ele dava aulas sobre a ditadura, falando baixinho,



fechava a porta, tornava o ambiente assim bem tenso. E falava dos militares, dos militares... Eu, na oitava série, pensava assim: “Meu Deus, se ele souber que o meu pai é militar, já imaginou? Os militares faziam isso, matavam pessoas, torturavam pessoas”. Chegava em casa e olhava para o meu pai e ficava pensando: “Minha nossa...” Mas foi, assim, um dos melhores professores que eu tive. Um dos únicos que eu me lembro, porque eu fico impressionada quando as pessoas falam assim: “Ah, eu me lembro da minha professora do primeiro ano. Nossa, eu não me lembro!” Mas eu me lembro desse professor, que se chamava Evilásio, inclusive. Me lembro de outros professores do Ensino Fundamental e do Médio. Claro, porque o Médio eu fiz já em Jaguapitã, que é onde meus pais moram até hoje. E, no Ensino Médio, eu fui fazer Magistério. Dos professores, vários ainda moram lá, outros já morreram. Então, desses eu me lembro. Não poderia dizer que me lembro pelas qualidades acadêmicas. Mas me lembro deles porque moram lá na mesma cidade que eu. Bom, é isso. Então eu fiz História, porque era o curso na universidade que tinha mais vagas para transferência naquele ano.

Aí eu fui fazer História. Me lembro até hoje do primeiro dia em que eu fui no curso de História. Uma noite, no CCH. Entrei na sala de aula. Eu poderia ter desistido naquele dia do curso de História. Quem que estava dando aula? Deus a tenha, a Professora Maria Dulce. A Márcia lembra e o Rivail também. Professora Maria Dulce Alho Gotti. Sala cheia. E, na época, era um curso que congregava muito militante. Muita gente de esquerda. Porque era 1983, então ainda era ditadura. Então tinha uma formação de pessoas mais velhas, pois era curso noturno. E tinha sindicalistas, muitas pessoas ligadas à esquerda, quando eu fiz História. E eu me lembro que a professora Maria Dulce começou a chamada dizendo assim, sei lá: Amélia Ferreira dos Santos Vieira. Vieira? Que família essa Vieira mesmo?” Mas quase ninguém era de lá, de Londrina. Quase todo mundo era de cidades da região, mas tinha os londrinenses, claro. Aí, um por um, ela queria saber o sobrenome de onde essa pessoa vinha. Um por um. Imagina, tinha uns 40 na sala. E naquela época, 40 era 40 mesmo. Não é que nem agora que abre 40 vagas, entra 20, não, eram 40. Só tinha o curso noturno de História e só tinha História na UEL. Não tinha História em nenhuma outra faculdade de Londrina. Olha, eu vou dizer uma coisa assim, eram quatro aulas. Vocês querem saber quatro aulas do quê? De introdução aos estudos históricos. Ela passou, assim, claro, duas horas daquelas aulas com essa chamada. Depois ela indicou um livro que eu nunca vou me esquecer. E depois nas aulas, aquelas aulas que os alunos davam, como é que se chamava? Trote, não é mesmo? Eu como aluna do primeiro ano não tive isso, na época, mas as aulas, os alunos trotes, aquela coisa toda. Os alunos usavam muito aquele livro para dizer: “Olha, vai ser leitura para a próxima aula.” Ela indicou o livro do Jean Glénisson, “Introdução aos Estudos Históricos”. Indicou



um outro livro também que eu não me lembro mais qual é. E dez livros em francês porque ela dizia que nós tínhamos que ler em francês.

Olha, eu só não peguei a minha bolsa e fui embora para nunca mais voltar porque sentou do meu lado um rapaz chamado... esqueci o primeiro nome dele, mas o sobrenome dele era Kamita. E ele vinha transferido do curso de Biologia. Quer dizer, ele já tinha feito Biologia, tinha feito outro vestibular para o curso de História. E ele sentado do meu lado, olhando. E eu falei para ele: “Eu vou embora. Olha só, saí do curso de Educação Física, para aí vir para o curso de História e isso agora...” E ele: “eu sei, saí de Biologia, mesma coisa. Você quer fazer uma faculdade?” Eu falei: “Quero.” E ele disse: “Então, olha, aguenta mais, porque você está aguentando muito pouco.” Ele era funcionário do H.U. Foi se tornando um dos meus melhores amigos no curso inteiro, praticamente, de História. Hoje já nunca mais eu vi, não sei nem por onde ele anda. De um lado sentou ele, do outro sentou uma outra japonesa. Ele é japonês, Kamita, não é mesmo? Acho que era Luís Kamita. Sentou outra japonesa chamada Yolanda Yuriko Sasaki, que até hoje é minha amiga. Sentou-se do meu lado, aí ela falou assim: “não, ninguém vai desistir de nada aqui.” “Não vai desistir de nada. Vamos fazer esse curso inteiro.” Isso porque ela também já vinha de outro curso. Isso é 1983.

Aí passada a fase Maria Dulce, a outra professora que veio dar aula era a professora da Sociologia, de direita, elegantíssima, como é que ela se chamava? Até hoje ela está viva lá em Londrina ainda.

**Márcia:** Maria Lúcia Vitor Barbosa, minha vizinha.

**Marlene:** Essa mesmo.

**Rivail:** Maria Lúcia deu aula de Ciência Política para mim. Eu achei que a Dalva Rausch que teria dado a introdução à sociologia.


**Marlene:** Não, ela deu Ciência Política. E ela era o absurdo do Alexandre Garcia<sup>1</sup>. Ela era Alexandre Garcia. Só que ela enfrentava o número grande de pessoas que vinham da base, que vinham dos movimentos de esquerda, dos sindicatos. Assim, o debate, o diálogo era muito forte. Então assim, já me deu um certo... Porque eu não gosto de dizer que eu saí de Educação Física porque as pessoas não pensam, não é isso. As pessoas pensam. Só não usam isso para poder formar professores na época, não hoje.

Bom, aí tive outras aulas e aí veio uma reestruturação muito grande da Universidade. Houve uma época em que a Universidade entrou em greve. Não os professores, os alunos entraram em greve. Depois os professores entraram em greve para a contratação de professores. E houve assim um movimento muito grande na Universidade pela contratação. E foi aí que vieram alguns professores para o Departamento de História. Veio a professora Enezila de Lima, veio o professor Antônio Celso Ferreira, o professor Jozimar Paes veio logo depois também. Então aí houve uma renovação do curso de História, que tornou o curso muito bom. Mas não foram tudo flores. Eu comecei o curso em 1983, mas em 84 eu fechei o curso: “Não é esse curso que eu quero fazer. Não vou continuar, não vou.” Fechei. Era um curso de créditos, não é mesmo? Então você fazia tantos créditos. Tranquei a matrícula, mas a gente falava “fechar” o curso. Tranquei a matrícula, fui trabalhar, viver a vida, etc. “Não era o curso que eu queria fazer.” Isso foi em 1985 ou 1984. Quando foi que o Tancredo morreu?

**Ronaldo:** Abril de 1985.

**Marlene:** Tranquei o curso, não fiz nenhuma disciplina. Aí eu desisti mesmo. Não vou mais fazer. Abril de 1985 morre o Tancredo Neves. E toda aquela comoção da morte do Tancredo Neves, da ausência de Diretas. Inclusive, eu participei das manifestações pelas Diretas<sup>2</sup> em Londrina, participei das passeatas. Não vou dizer assim que eu seja uma pessoa de esquerda. Quer dizer, de esquerda eu sou. Como as pessoas acham que eu sempre fui petista, mas eu nunca me filiei ao PT, mas sempre participei muito das manifestações do PT. Tenho amigos do PT, não é mesmo? Aliás, os meus melhores amigos foram presidentes do PT, diretores do PT e tudo mais. E eu participei muito das manifestações da Diretas Já! e aí veio o Tancredo, que assumiu, mas ele morre. Aí eu pensei assim, não sei por que cargas d’água da minha vida: “Eu vou terminar esse curso de História, porque eu vou terminar alguma coisa na minha vida, porque se não, o tempo vai passar, eu não vou fazer nada. Eu vou terminar esse curso.” Voltei para o curso de História, em 85, mas voltei para outro curso de História, já era outro curso. Fiz várias disciplinas, pois você podia cursar outras disciplinas da grade.


Na verdade, o que fomentou muito o meu trancamento de disciplina, preciso dizer isso, porque se ela ler essa entrevista, ela vai sentir falta disso, foi uma reprovação que eu tive no curso de História. Eu sempre fui a aluna nota 10, desde o primário até o ensino médio, nunca reprovei em nada, sempre tive 10 em tudo. Entrei no curso de História, também tirava 10 em tudo, mas aí eu fui fazer uma disciplina chamada Antropologia, com a professora Regina Mucilo. Eu só não me suicidei, porque não sei porque na época. Tinha 19 anos. Eu não me conformava de reprovar em uma disciplina. Ela me reprovou mesmo, me reprovou com 5, 3, 2, me reprovou mesmo.



Eu falei que eu ia largar esse negócio, larguei tudo. E ela sabe disso, porque depois nos tornamos amigas, viajamos juntas, mas na época, nossa, que situação! E um dos motivos que eu tranquei o curso foi por causa dessa reprovação que a Regina me deu. Até hoje, tem duas disciplinas que até hoje me incomodam: Antropologia e uma disciplina chamada Fisiologia que eu tinha na Educação Física. Só por Deus... Nenhuma das duas fazem parte da minha pessoa [risos].

Bom, eu voltei em 85, já voltei para outro curso, para outra realidade, na verdade, da própria universidade. Os meus amigos que entraram comigo em 83 se formaram no início de 87. E eu me formei em julho de 87. Porque tinha duas entradas e duas saídas da universidade, julho e janeiro. Então, eu me formei em julho e eles se formaram em janeiro. Porque como era um curso de crédito e semestral, eu acabei perdendo só um semestre do curso. E a minha trajetória, na verdade, ela muda mesmo, quando eu me interessei pela licenciatura mesmo com a professora Mariana Almeida. Que vai ser a minha professora de Metodologia e Prática de Ensino. É com ela que eu vou tomar gosto pela docência, por ensinar. Porque ao contrário do que as pessoas falam, eu nunca dei aula no ensino fundamental. Nem no médio. Eu dei aula no primário, algumas aulas, alguns meses no primário, quando eu tinha feito Magistério. Mas foi uma substituição no primário. Era uma escola rural. Dava aula no primeiro, segundo, terceiro e quarto ano na mesma sala. E ainda tinha que fazer a merenda para os alunos, o lanche. Fazer a sopa, comida, coitados... Esses sofreram com a minha pessoa. Mas, assim, eu não fui professora do ensino fundamental porque quando eu me formei em 1987, eu fiz um teste para dar aula no Colégio Positivo, que hoje é o Max, não é mesmo? E eles me chamaram para dar aula. No entanto, eu tinha feito a seleção do Mestrado em Curitiba e passei nessa seleção. Não sei como até hoje. Quer dizer, eu sei. Eu fiz a seleção e era uma prova escrita. E a professora Mariana me deu dois livros para eu ler. Um era “Os Donos do Poder”, Raimundo Faoro. O outro não me lembro. Mas eu comecei a ler “Os Donos do Poder” e quando eu chego em Curitiba para a seleção, me cai exatamente uma pergunta desse livro. Eu não lembro o que eles pediam. Era uma resenha ou uma discussão do livro. E aí eu fiz a prova e acabei passando porque eu só poderia fazer o Mestrado se eu tivesse bolsa. E nessa época, final de 1987, começo de 1988, não era muito comum as bolsas, só os primeiros colocados que tinham bolsa. E aí eu passei em segundo lugar. A professora Ana Paula Vosne Martins passou em primeiro. Pegou uma bolsa do CNPq e eu passei em segundo e peguei uma bolsa da Capes.


Eu tinha duas opções: ou eu ficava em Londrina e iria dar aula no Positivo, ou eu iria para Curitiba e faria o Mestrado. Aí vem a professora Mariana que foi realmente a grande incentivadora dessa minha trajetória. A professora Mariana fazia Mestrado





em Curitiba já há muitos anos. E ela tinha um apartamento, que ela alugava e ela me ofereceu: “Vai fazer o Mestrado e fica no meu apartamento.” Aí eu fui, aceitei fazer o Mestrado, foram três meses terríveis porque a bolsa atrasou três meses e eu não tinha dinheiro nenhum, meu pai era militar. Numa época em que policiais militares ganhavam muito pouco no Paraná, quando ganhavam, porque o salário atrasava, cheio de problemas. E eu fui, fiquei na casa dela, lá no apartamento, ela foi assim mais que uma mãe, apoiou todas as minhas despesas até chegar a bolsa. Depois chegou a bolsa e morei eu e uma outra colega que também tinha feito o Mestrado, que tinha sido aluna do curso de História. Que era a professora Maria Isabel Félix, que até tentou concurso na UEL, mas não passou. Ela deu aula como professora no estado, mas já se aposentou também. Nós ficamos no apartamento dela, e fizemos o Mestrado em Curitiba, que era quase como o Mestrado em Campinas. Eles exigiam que você fizesse 45 disciplinas, 35 estágios, 95 não sei o quê [risos]. Eram quatro anos de Mestrado, três anos de disciplina, quatro anos o Mestrado, hoje são dois, um ano de disciplina, como que diminuiu, não é mesmo? E aí eu fui para Curitiba em 88, comecei as disciplinas, mas no início de 89 abre um teste seletivo na UEL para Metodologia e Prática de Ensino de História. Aí a professora Mariana me liga e pergunta se eu não queria ir fazer. Veja, eu nunca tinha dado aula e ela está me convidando para dar aula de Metodologia e Prática de Ensino [risos]. Eu falei assim: “Mariana, sem chance. Não vou.” Aí a Maria Isabel que morava comigo, falou assim: “Você já pensou que a bolsa vai acabar e então uma hora você vai ter que ter um emprego? Será que não é a hora de tentar um emprego? Olha que a UEL não é para qualquer um, não! Você está sendo convidada.” Aí eu falei: “Ai meu Deus, eu vou tentar, o máximo que pode acontecer é eu reprovar no teste seletivo.” Aí fui fazer o teste seletivo, me lembro que a banca era o professor José César, a professora Mariana e um outro professor, talvez o Cristiano Simon. Havia vários candidatos, inclusive a irmã da Enezila estava fazendo esse teste seletivo e ela era professora há muitos anos. Eu não tinha experiência, mas eu tinha a formação, o conhecimento teórico. Assim, entre o conhecimento teórico e a experiência, a banca achou que o meu conhecimento teórico era muito mais importante para a formação de professores, do que o conhecimento da experiência que a irmã da Enezila tinha. Ela já morreu inclusive, e esse negócio de você falar do passado é horrível porque as pessoas já morreram. Fala da pessoa, que já morreu. Eu passei no teste seletivo em março de 1989. Em abril de 1989 foi meu primeiro contrato da UEL. Em setembro de 1989, abre o concurso público, que eu fiz, e que abriu para graduado em História. Eu estava fazendo o Mestrado ainda. Ninguém abria o concurso público nessa época na universidade para doutor. Abria para graduado em História. Aliás, abriam vários, foram 8 concursos, se eu não me engano. Eu entrei. Na época que abriu para Teoria, História Econômica, Metodologia, História da América, vários. Isso foi em 1989,





depois só teve concurso em 1995. Eu fiz o concurso, que veio o professor Nelson Piletti. E era um momento muito difícil do departamento de História porque tinha acontecido alguns concursos e em que haviam discussões de que eram concursos que estavam armados para tal professor. Porque tinha professor da casa que era amigo e aquela coisa... Então esse concurso não teve nenhum professor da casa participando, nenhum. Então no meu, por exemplo, foi o professor Nelson Piletti, o Pedro Paulo Funari e a Elza Nadai, que vieram no concurso que eu fiz. Oxalá passei, graças a Deus, passei no concurso. Estudei muito, muito, muito, e estive lá 31 anos, porque entrei em 1989 e me aposentei em 2020. Então foram 31 anos na UEL, e eu tinha mais 2 anos em outro emprego, com 33 anos de contribuição.


Como que eu vou para o ensino de História? Por esse concurso vou para a área de ensino de História e começo a trabalhar na área. O que acontece? A minha dissertação discutia uma campanha nacional de educação rural que teve no Brasil, que envolveu toda uma discussão da formação de um homem novo e uma série de outras coisas. Era ligada à educação, mas não tinha a perspectiva da prática de ensino, da metodologia ou da docência. Tinha só a questão das escolas rurais.

Quando eu passo no concurso de História, o que eu penso? Eu preciso de experiência, eu preciso trabalhar. Aí eu fiz o quê? Tranquei a matrícula no Mestrado e fui trabalhar. Dei aula no Colégio de Aplicação um tempo, com a anuência do professor... esqueci o nome dele agora, que era diretor do Colégio de Aplicação.

**Marcia:** Homero?

**Marlene:** Isso, Homero Amaral! Que depois de muitos anos vou conviver com ele como professora de metodologia. Aí eu dei algumas aulas no Colégio de Aplicação para ver o movimento da sala de aula. Porque não adiantava eu ensinar se eu não conhecesse. Como é que isso se dava. Claro que nada como a experiência que tem, por exemplo, a Márcia, o Rivail, o próprio Ronaldo, no chão da escola de anos a fio dando aula. Claro que não. Mas é só a experiência mesmo do movimento da sala de aula, do envolvimento com os alunos e o tipo de coisa. Mas até aí eu não era uma pesquisadora em ensino de História.

Aí eu termino o Mestrado. Parei uns anos antes do Doutorado, porque aí eu fiquei grávida, ganhei a Júlia, em 1995. Eu terminei o Mestrado em 94. Vejam bem, comecei o Mestrado em 88 e terminei em 94. Então, é que eu tranquei um tempo, mas o Mestrado tinha 8 anos que você podia fazer. Então tinha 1 ano que eu podia usar ainda. Então aí eu tranquei, depois eu voltei para não perder a coisa. Em 1999, eu resolvo fazer o Doutorado, mas também não fui fazer na área de ensino de História.



Você vê que todo esse tempo eu estou trabalhando com ensino de História, mas eu não estou, na verdade, pesquisando nisso.

O primeiro movimento em torno de ensino de História que eu vou ter é com o Laboratório de Ensino de História em 1994. Que nasceu, na verdade - isso é muito importante - o que a gente vai pensar quando a gente fala dos anos 90 no Paraná e da relação Universidade e Escola? A segunda metade dos anos 90 no Paraná e a relação Universidade e Escola, ela é algo que hoje você olha para o Paraná, você vê o retrocesso nessa relação. Nessa época, o Estado do Paraná convidava as universidades a organizarem cursos de formação para os professores. Em 1994 foi assim, 1993 foi assim, convidava os professores para darem cursos e a gente preparava os cursos e os ministrava na Universidade. No final de 1993, quando eu estava trabalhando com os professores, uma professora me disse assim: “É, mas a gente tinha que voltar mais à Universidade, a gente vem muito pouco, tem pouca relação com a Universidade.” Depois o governo vai criar o PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional), que, na verdade, foi a política de formação continuada de professores mais fantástica que eu já vi na vida. Aí ela fala isso: “precisava a Universidade ir mais à escola, ela aparece pouco na escola”.

E naquele curso lá, em 1993, não sei por que, estava trabalhando eu, o Gilmar, o Miguel, o William. Não lembro mais quem que estava trabalhando.

**Rivail:** Eu lembro, Marlene, que eu era professor convidado na UEL, também fui dar curso para os professores lá em Faxinal do Céu. É, aí depois eu fui também dar curso na cidade de Pitanga, tudo indicado dessa relação que você fala aí.


**Marlene:** Da Universidade com o Estado, com a Secretaria de Educação. E aí, em 1994, a gente se reúne e esse é um movimento importante para se dizer. É, na verdade, praticamente o Departamento de História todo se envolveu na formação do Laboratório de Ensino. Eram oito ou nove professores. Era professor de História do Brasil, História Contemporânea, História da América, Teoria da História, todos praticamente se envolveram na criação do Laboratório de Ensino de História. Eu lembro das reuniões, assim, lotadas, quase uma reunião do departamento, a reunião do Laboratório de Ensino. E é na criação do Laboratório de Ensino de História, que muitas vezes eu fui criticada, dentro da minha área de prática de metodologia, da área de ensino, porque eu nunca coloquei a palavra pesquisa no Laboratório de Ensino. Veja, que em 1995 não havia essa relação tão intrínseca entre pesquisar e ensinar. Então o Laboratório surgiu como o Laboratório de Ensino, depois outros Laboratórios surgiram, todos colocaram a palavra pesquisa. Laboratório de Pesquisa e Ensino de História. O Laboratório de Ensino surge, então, da necessidade que

a gente sentiu, e aí eu digo do coletivo mesmo, de criar uma ponte mais efetiva, que não fossem só os cursos de formação que o Estado pedia para a gente, mas uma formação mais efetiva, numa relação mais efetiva entre a universidade e os professores. É aí que surgem duas ideias importantes, que é o Boletim do Laboratório de Ensino de História e a revista História & Ensino.

Eu já tinha nessa época o Grupo de Pesquisa e História e Ensino, pois ele é um dos grupos de pesquisa mais antigos da Capes, de 1994. E aí eu propus que o nome da revista fosse o nome do grupo de pesquisa, História e Ensino. E o Boletim do Laboratório de Ensino de História. O que é o boletim? Ele era um jornal que tinha a função de levar ao professor discussões mais rápidas em torno de resenhas do que estava acontecendo no Ensino de História, de livros, de metodologias, de atividades. E a gente convidava vários professores para escreverem, os professores escreviam, ele saía em formato de jornal e a gente fez um acordo com o Núcleo de Educação e ele distribuía para os professores. Efetivamente, foi uma das ações mais positivas do Laboratório de Ensino. Funcionou muitos anos, não é mesmo? Muitos anos. A Márcia depois digitalizou. Aliás, a Márcia é muito importante na permanência do Laboratório de Ensino em um determinado momento. Porque se não fosse a Márcia, havia morrido. A Márcia que tomou a frente, digitalizou as revistas, digitalizou o boletim e tomou a frente de manter o laboratório vivo, a ideia do Laboratório de Ensino de História.


**Alexandre:** E, de fato, desde a saída de vocês, não temos mais o Laboratório e faz falta. Claro que foi substituído, talvez, por outras dinâmicas. Pelas próprias tecnologias, de certa maneira. Eu gostaria de fazer um contraponto, Marlene, sobre o que você vinha falando. Eu comecei a dar aula em 1992. No primeiro ano de universidade, eu comecei a dar aula em escola privada, em João Pessoa, na Paraíba. Fui, na época, orientando de iniciação científica da professora Joana Neves. E me lembro que, nos anos 1990, as escolas passam a dar maior importância às publicações que dialogassem com os professores. Me lembro que havia o “Bolando Aula de História”. E cheguei a ver algumas publicações congêneres que, me parece, não tiveram muito tempo de existência. Mas foi um momento importante da circulação deste tipo de publicação em formato de jornal ou folhetim. Parecido com os fanzines dos anarquistas e depois do pessoal do *hip hop*. Algumas dessas publicações eram fotocopiadas, inclusive em folhas maiores. A revista do IBEP também abordou o tema do ensino de história em algum momento e tinha circulação nacional.

**Marlene:** O Boletim do Laboratório vale um estudo sobre o que foi publicado, sobre o que se entendia como metodologias de ensino ativas, como dizem hoje. O que se propunha ensinar na década de 1990 e anos 2000.



**Rivail:** Eu gostaria de fazer um comentário também, pois acho que vai dar mais elementos. Eu me formei em 1990 e em 1992 o Estado fez um grande concurso público. Eu fui aprovado no concurso, acho que Marisa também e vários professores da UEL. Só em Londrina, a gente tinha umas 50 a 60 vagas, para as escolas, só na área de História. E aí essa galera foi para as escolas e como nós éramos recém-formados, nós começamos também a fazer um movimento, acho que dentro da escola, dessa proximidade de com a Universidade. Era diferente desses professores que tinham se formado nos anos 70 e nos anos 80 e muitos deles eram formados em Estudos Sociais. E o pessoal que assumiu nos anos 90, eram pessoas que eram formadas na Geografia, na História... E aí a gente tinha um movimento dentro da universidade, nas escolas também, para pleitear esse processo continuado de formação a que você faz referência. Porque aquele pessoal que era formado lá nos anos 70, nos anos 80, que já tinham 20 anos de magistério, eles nunca tinham tido essa coisa e a universidade estava muito distante da vida deles. Gente que havia se formado nos anos 70 tinha perdido de vista a existência da universidade. E quando surge nos anos 90, a gente que tinha chegado nas escolas naquele momento, tinha essa proximidade maior com as universidades, aí os professores começaram a falar dessa necessidade de a gente continuar essa proximidade que setinha com a universidade. E aí vem esse movimento que você falou também da universidade, que começaram a oferecer esses cursos e tudo. Então, tinha uma interação maior entre a universidade e as escolas.

Eu acho também que acontece uma coisa interessante, que nos anos 90, a APP teve uma mudança muito grande da direção. Tinha um povo lá que dominava o sindicato desde os anos 70 e 80 e nós fizemos uma grande campanha e conseguimos mudar a direção do sindicato. E isso acho que também vai contribuir um pouco para mudar os ares, vamos dizer assim, da dinâmica das escolas no Paraná. Eu vejo isso também. Eu comecei a fazer o Mestrado em 92, enquanto que o pessoal achava assim muito distante. Eu me lembro que eu assumi o concurso: “nossa, mas você vai continuar estudando, vale a pena fazer o Mestrado?”. Eu falei: “vale, eu tenho interesse” e era uma coisa muito distante para eles, continuar esse processo de formação, porque para eles: “eu me formei em Estudos Sociais. Estou há 20, 30 anos aqui trabalhando e estou esperando a minha aposentadoria.” Enquanto que a gente, muitos que chegaram naquele concurso, que eu falo dos anos 90, tinham essa ideia de continuar estudando, continuar pesquisando. Eu acho que isso vai mudar um pouco, não sei se é toda a efervescência do processo de democratização do país, uma outra cara que a universidade tinha nos anos 90. Foi nos anos 90 também que o curso de História passou a ser oferecido de manhã, logo, de manhã e à noite. Houve uma ampliação muito grande de vagas, e isso de alguma forma foi pressionando por uma mudança.



Eu acho até significativa das escolas, porque começou a ter uma presença muito grande de recém-formados. Pelo menos essa é uma coisa que eu tenho a observar.

**Marlene:** Quando a gente fala dessa relação do Estado com a universidade e dos professores, você vê isso na década de 90, depois isso se quebra novamente e só vai retornar como PDE nos anos 2000. E como é que eu noto isso? Eu noto pelos meus próprios alunos, que eu formei em 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, e os alunos que comecei a formar depois do ano 2000, porque há uma quebra na minha formação, que é o período em que eu fiz o Doutorado, em Teoria da História na Universidade Federal do Paraná, e quando eu começo a pesquisar mesmo em ensino de História, já nos anos 2000. Nos anos 2000, quando eu começo a pesquisar no ensino de História, e aí também já vem a Educação Histórica, a professora Isabel Barca, de pensar uma metodologia diferente para ensinar, e vem o PDE. Quando eu vou trabalhar com os meus ex-alunos, que foram meus alunos na Universidade, eu percebo o distanciamento que houve entre a forma como eu pensava a metodologia nos anos 90 e a forma como eu estava pensando a metodologia já nos anos 2000. Eles olhavam para mim assim, eu sentia que tinha professor que se formou em 1992 como você, que se formou em 1993, que ele olhava para mim assim e pensava: “mas fui enganado então porque tudo que ela está falando agora destrói aquilo que ela ensinou lá na década de 1990.” E era isso mesmo e era uma discussão que eu tinha muito forte com eles. Do quanto que a ciência muda, do quanto que a ciência evolui, do quanto que a ciência precisa de modificação. Para eles pensarem que o que eles ensinam em História é ciência. E o que eu ensinava em 1990 era onde estava a ciência, e a ciência histórica, modificou-se, e a metodologia do ensino de História então deu um salto. Desde o final da ditadura até os anos 2000, houve uma mudança imensa na forma que se pensava a transposição didática do ensino, a forma que se pensa o que se ensina em História. Uma modificação muito grande, e eu via isso nos alunos para os quais eu dava aula lá no PDE. Eu tinha que explicar, eu assessoro os meus alunos.

Por que que eu pesquiso Educação Histórica? Talvez porque eu tenha me relacionado mais e focado mais o meu trabalho no grupo português, da Educação Histórica. Eu sou bem mais relacionada ao grupo português, ou a outros grupos da Espanha, da Alemanha. A professora Maria Auxiliadora Schmidt já se relacionou mais com o grupo alemão, por conta do Jörn Rüsen e do próprio Estêvão de Rezende Martins. Acabou se relacionando mais com o grupo da Didática da História por este viés. Eu não, eu acabei trabalhando mais com o pessoal da Educação Histórica. Por quê? Porque eu venho da empiria. Vejam, que eu só fui começar a pesquisar mesmo, depois que eu já tinha uma experiência muito grande na ideia do ensino de História.

Então eu preciso muito da empiria para fazer pesquisa. Então eu não consigo pensar, por exemplo, uma dissertação, uma tese, que não tenha essa parte empírica. De você pensar o sujeito, o que o sujeito pensa, o que a criança pensa, e as próprias aulas-oficina ou as aulas históricas, que a Dolinha criou agora. Então eu preciso da empiria. E o grupo português é o que mais faz pesquisa dentro da questão empírica. Tem até uma crítica, porque eles são muito mais empiristas do que teóricos e tudo mais. Que o próprio grupo, como o Eder faz, o Bonetti, que o Sadi. Que o grupo de Portugal é muito empirista e pouco teórico.

O que eu tento fazer no meu grupo de pesquisa em Londrina, e nas orientações do Mestrado e Doutorado, é relacionar, articular a teoria com a empiria. É não ser tanto empírico como são os portugueses, e nem tão teórico como o pessoal da Didática da História. Mas juntar as duas coisas, juntar o campo empírico com o campo teórico, para que as dissertações e teses tenham algum sentido para os professores. Porque na verdade isso tem uma preocupação que eu sempre tive. Por que eu pensei na revista História & Ensino? Eu a pensei para o professor do ensino básico. A revista nunca teve a ideia de ser A1, A2, A3, A4. Ela era uma revista para professores e tinha artigos que se relacionavam com a prática do professor. Era para o professor ensinar. Então, quando eu pensei na revista, era isso. Revistas teóricas de história haviam várias. Mas aí eu pensei, não, a gente precisa de uma revista que fale ao professor, que ele se identifique com ela. Então, por isso que a revista tinha artigos teóricos, mas ela tinha também artigos metodológicos.

Primeiro número, por exemplo, traz lá uma discussão de avaliação, uma discussão de metodologia. Então, era uma revista que tinha essa função, que era falar com o professor sobre o ensino de História, sempre foi essa ideia. Tanto que quando surgiu a avaliação dos periódicos, eu tinha muitas dúvidas com relação a isso. Não era essa a intenção, nunca foi a intenção da revista concorrer nessas “plataformas”, não é mesmo? Nunca foi, porque era uma revista para professor. Qual foi o nosso grande incentivo no começo? A gente tinha dinheiro para editar a revista. A gente tinha feito um projeto para o MEC e ele tinha financiado os primeiros números da revista. Então, a gente distribuía a revista para os professores. Ela era distribuída. Acho que o primeiro, segundo, terceiro, quarto número, tudo foi distribuído. Depois, ela começou a ter problemas de financiamento. Mas, mesmo assim, a editora da UEL, às vezes, publicou, mas a gente fazia por editoras particulares também, com esse dinheiro que vinha. O que acontece? Os anos 2000 foram muito fartos de financiamentos. Do MEC, da Capes. E aí, nós tivemos muita possibilidade nisso, de financiar a revista para os professores. Não me lembro mais quando parou esse financiamento, a gente não conseguiu mais publicar, fazer a parte física dela. Mas era uma revista



pensada para o professor do ensino básico. Não era uma revista teórica, não queria discussões teóricas, mas discussões metodológicas, que falassem ao professor, que ele conseguisse se ver nesses artigos que eram publicados pela História & Ensino. O primeiro nome da História & Ensino é antológico.

**Ronaldo:** Marlene, isso vai ao encontro dessa questão da empiria, de onde você parte. Do professor visualizar esse trabalho metodológico com clareza. Então, na realidade, tem todo o universo de, a partir das características suas como pesquisadora, como professora, vai se construindo várias frentes. Porque para quem vê de fora, por isso que eu estou falando, eu que acompanho parte da sua trajetória e vejo de fora, me parece muito claro isso, entendeu? Quando eu fui editor da revista, eu acho que peguei a transição da Márcia para mim, então eu fui observar as revistas, toda a transição, e isso é uma coisa muito clara. Desculpa cortar, mas você tem notícia de se no Brasil tinha alguma revista que fazia isso no ensino de História, nesse período?

**Marlene:** Não tinha.

**Ronaldo:** Então é uma coisa de vanguarda mesmo, não é mesmo?

**Marlene:** Não tinha. Foi a primeira revista destinada ao professor do ensino básico. Foi a primeira. E a primeira revista que discutiu o ensino de História. Foi a primeira. Porque agora, por exemplo, a revista é outra. Lógico que tem aí o tempo, tem os movimentos do próprio Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História e tudo mais. A revista se tornou outra revista. As pessoas publicam artigos teóricos, publicam artigos sobre história de educação, publicam artigos sobre várias coisas. Mas é um movimento mesmo de mudança da revista, entendeu? É um movimento de mudança. Mas os primeiros artigos, se você olhar as primeiras revistas, você vai perceber que são artigos todos voltados para a metodologia do ensino de História. Tanto que uma vez eu lembro que eu pedi um artigo para o professor Claudiomar, de História Antiga. Está no segundo ou terceiro número da revista. E assim, é pensado para o professor mesmo. Era fazer o professor da universidade movimentar o pensamento em torno de pensar um artigo para o professor. Não sobre a sua pesquisa. Não era para ele escrever sobre o que ele pesquisou. Era para ele escrever sobre o que era ensinado na escola. Sobre como que se ensina a História Antiga. Como que se pode ensinar a História Antiga na escola. Era essa ideia. E por um tempo, até que a revista... Mas eu não tenho informação se existia outra não. Tenho para mim que não existia.


**Rivail:** Posso fazer um comentário? Eu me lembro que eu escrevi um artigo para a revista em 2002, e o intuito era, como o professor poderia usar o jornal para trabalhar com o ensino de História.

**Marlene:** Exatamente!

**Rivail:** Era quase um guia mesmo. Principalmente a noção de tempo. Como você poderia trabalhar na noção de estrutura, de conjuntura. Peguei aquele conceito braudeliano lá da estrutura, conjuntura e evento. De como o professor poderia trabalhar usando o jornal. Que o entendimento que eu tinha era que o jornal era muito acessível. Então ele poderia rapidamente, no final de semana, pegar vários recortes de notícias e usar isso com os alunos. Então acho que vai um pouco ao encontro de isso que você está falando. Que a preocupação era essa. De como você poderia dar um instrumental para os professores usarem em sala de aula.

**Marlene:** O Gilmar Arruda escreveu um artigo que chama “Por Que Ensinar História”, que é usado assim como se fosse bíblia, quase, para os professores no PDE. Se você ver os artigos do PDE, os artigos finais do PDE, esse artigo “Por que ensinar História” está citado por quase todos os professores. “Por que ensinar história?”. Então, assim, era exatamente essa tônica, entendeu? Que o professor da universidade, o teórico em História do Brasil, como era o Gilmar, o teórico em História Ambiental, como era o Jozimar, escrevesse para o professor. Tem esse artigo do Jozimar, em um artigo que a professora Sandra Oliveira escreveu, que é sobre as perguntas que o historiador se faz. O que o professor faz para ensinar, são artigos antológicos. Artigos que eles fizeram com que os professores repensassem a forma de ensinar por muito tempo. O que era bom do PDE? Não era só você voltar à universidade. Claro que isso era uma parte muito importante. Você ficar também sem trabalhar é uma parte muito importante. Poder ir ao cinema, ler livro. Mas tinha uma parte muito importante do PDE, que era fazer o professor pensar sobre a sua prática. E escrever sobre. Tanto que tem lá, todos esses relatórios finais que eles fizeram, são muito interessantes de ler. Muito! Entendeu? Até pensei, um pouco antes de me aposentar, escrever sobre isso, entendeu? Sobre o que os professores pensavam sobre o ensino de História nesse período. E como isso movimentava a ideia deles do que ensinar. E tem relatórios muito bons do PDE, muito bem escritos. Quase dissertações de mestrado. Mas tem alguns muito bons. Eu tive alunos muito bons no PDE, que escreveram relatórios fantásticos. E está tudo lá na página do Governo do Estado.


**Alexandre:** Marlene, só um comentário. Eu acho que esse foi um movimento de alguma mudança que se operou nos cursos de graduação, com essa profissionalização cada vez maior, essa inserção cada vez mais abrangente dos programas de pós-graduação. Entendo que eles vieram um pouco de arrasto também, tomando às vezes muito tempo nosso, como professores universitários. E as publicações passaram a ser determinadas pelos processos de avaliação dos programas, que se traduziam em bolsas para os nossos alunos e maiores recursos aportados, etc. E se traduzia num



certo ranking. E, de certa maneira, as revistas acabaram também sendo influenciadas. A gente encontrava nas revistas dos anos 1990 muitas experiências dos graduandos e de professores da Educação Básica, convergindo para uma ideia de laboratório. Na maior parte das revistas já não existe essa possibilidade. E um outro processo que também acontece é pelas próprias tecnologias. Porque houve um momento em que os professores dependiam muito dos impressos. Então, como a gente conversou sobre o Bolando Aula de História, como você mencionou, as revistas que eram impressas. Publicações que passavam por um financiamento público eram distribuídas nas escolas. Como as obras distribuídas aqui no Paraná, para dar um exemplo. Hoje a gente vê, por um lado, que os professores seguem pedindo isso, quando a gente vai nas escolas, no estágio. Mas, por outro, a gente percebe que eles têm muitos outros meios, mecanismos, de acessar o debate acadêmico sobre metodologias.

Então, eu ia perguntar o seguinte, mas aí, claro, passa por um olhar seu, um panorama. Pode ser talvez até um equívoco de minha parte, assim, de coisas que eu discuto, às vezes. Porque quando a gente fala de teorias do ensino de História, automaticamente vem à cabeça, a Didática da História e a Educação Histórica. E eu sempre debato um ponto que é o papel das professoras na história do ensino de História no Brasil. Quando a gente observa o cenário, tem um rosto, e o rosto é feminino. E vem ali dos anos 1970, começando ali no final da década e avançando pelos anos 1980. Logo, que relação você acha que é possível fazer desses primeiros debates sobre o ensino de História? Localizo aí, por exemplo, a que você mencionou que estava na sua banca, a Elza Nadai. Mas há outras, como Joana Neves e Katia Abud. E aí as gerações vão se alimentando, são muitos nomes. Que relação você consegue estabelecer entre esse primeiro pensamento, digamos, produzido de pensar a especificidade do ensino de História? E você consegue estabelecer essa relação entre o que foi produzido e esse debate mais contemporâneo? Não sei se fui claro?


**Marlene:** Não, eu pensei que você ia perguntar se eu concordo que o rosto do ensino de História é feminino. E é feminino. E o pior é que é feminino, não é mesmo? Desde Elza Nadai, pelo menos desde pós-ditadura militar. Nós estamos aí, pós-ditadura militar, o rosto da teoria do ensino de História é feminino. Elza Nadai, Circe Bittencourt, Katia Abud, Ernesta Zamboni, Maria Auxiliadora Schmidt são os referenciais teóricos da nossa área pós-ditadura militar. São elas que, na verdade, vão conduzir aí o que se pensa, o que se faz em ensino de História no Brasil, não é? Logo depois vem Selva Guimarães Fonseca, Lana Mara de Castro Simas, em outras que também se agrupam aí nesse rol de professoras. Eu não sei se eu entendi, você quer dizer que assim, o que foi produzido desde o início, se articula com o que é produzido hoje, eu não entendi a sua pergunta.



**Alexandre:** Que relação você estabelece entre essas primeiras reflexões dessas pesquisadoras? O que é que a Didática da História e a Educação Histórica vai, de certa maneira, complementar, ou subverter, ou trazer outra visão de uma discussão, de um debate que já existia no Brasil? Parece uma pergunta capciosa.

**Marlene:** Eu sei, a Didática da História, eu acho que essas professoras, por exemplo, essas pesquisadoras, elas tiveram um papel muito importante, principalmente em pensar em ensino de História em épocas difíceis, e pensar o ensino de História pós-ditadura. Então, assim, sempre foram muito combativas, não é? Vamos dizer assim, mais engajadas. São professoras que sempre estiveram, no meu pensar, do lado certo da história. Pensando em ensino de História crítico, que levasse o homem a não ser cooptado pelos fascismos e por tudo mais. A Didática da História, eu acho que vem complementar, vem junto aí nessa discussão que elas faziam. Eu acho que, na verdade, elas sempre foram muito contemporâneas, muito à frente do seu tempo. É Elza Nadei, se vocês verem os escritos da Elza Nadei, gente, não é? Como é que pode? Lá na década de 80, estar pensando isso? Então, assim, elas sempre foram muito contemporâneas. Mas são professoras, pesquisadoras, que viveram na França, não é? Que fizeram um Doutorado na Inglaterra, na França, mas que saíram desse meio aqui e viajaram o mundo.

Mas o que eu acho que a Didática hoje da História, ela, no meu entender, permanece nesse mesmo caminho. Que é um caminho do quê? De pensar o homem, de pensar a história a partir das ações do homem. E as ações do homem, elas precisam ser ações que envolvam a alteridade dos sujeitos humanos, não é? Pensar um homem, ou uma mulher, um ser humano, que seja identificado com o seu tempo, mas que também pense na finitude da Terra, a finitude das relações. A didática da história pensa a história dessa forma. Eu não gosto de achar que eu sou funcionalista. Que eu penso que a história tem uma função. Que é a função de fazer com que os homens pensem o mundo, não que não cometam os mesmos erros do passado, mas eu penso que a história tem uma capacidade de fazer o homem pensar. Eu acho que isso é importante, é importante. Não que eu veja uma função disso na história. O professor Peter Lee, por exemplo, que é um dos teóricos da Educação Histórica, ele sempre diz o seguinte: “A história, o ensino de História, tanto pode formar o homem de esquerda, como de direita e formar muito bem.” Então, não é a função do ensino de História formar um homem de esquerda. Formar um democrata. Não é essa a função do ensino de História. Ele é um inglês, não é? Que, aliás, foi uma fala dele que constrangeu, principalmente os brasileiros. Porque nós, os portugueses, os brasileiros, os espanhóis, passamos por ditaduras, não é? Nós, que passamos por ditaduras, não conseguimos pensar um ensino de História nessa perspectiva




neutra. Nessa perspectiva, “forma, tanto de direita, como forma de esquerda. Cabe ao indivíduo se pensar nesse mundo.” Eu acho isso difícil para nós, acho que nós entendemos um ensino de História na perspectiva de pensar, como o próprio Rüsen. De pensar para um homem que envolva aí os direitos humanos e se pense como participante deste mundo para o bem, não para o mal. Mas, não sei. E ele sempre diz isso: “Não é a função do ensino de História formar pessoas críticas. É função do ensino de História ensinar História.”


**Rivail:** Posso fazer uma pergunta? Acho que até para vocês, Marcia e o Ronaldo também. É assim, que a área de ensino, ela de alguma forma, acaba acompanhando mais os grandes embates, ou a área de ensino acompanhou muito mais, ou mais de perto, os grandes embates que aconteceram na sociedade brasileira dos anos 90 para cá. Ela refletiu muito mais esses anseios, esses medos, receios de uma série de coisas, vamos dizer assim, que é diferente, por exemplo, de um professor, sei lá, de História Antiga discutindo diretamente sobre como se ensina hoje a história da ditadura do Brasil. Eu gostaria de saber de vocês, se a revista, no caso da História & Ensino, se ela, de alguma forma, acabou reverberando esses embates, essas tensões que aconteceram na sociedade brasileira ao longo dos últimos 30 anos, vamos dizer assim, desde quando ela foi fundada.

Nós vamos fazer agora um dossiê sobre ditadura. É porque a gente está vendo que esse debate está muito quente, a gente entendeu que é importante colocar isso na revista, fazer um dossiê sobre isso.

E aí você estava falando assim que mudou um pouco da compreensão de como é um ensino dos anos 90 para o início dos anos 2000. E aí eu gostaria de saber se a revista, de alguma forma, acompanhou um pouco esses debates que foram acontecendo no ensino de História ao longo desse período. Se vocês conseguem identificar esses momentos mais marcantes. Por isso que eu quis fazer a pergunta para você, Márcia, porque você também participou como editora, e a Marlene acompanhou quase todo o trabalho da revista.

**Marlene:** Então, não sei se a revista acompanhou, eu acho assim, que a revista acompanhou no sentido de que os artigos publicados envolveram todas essas mudanças, que foram acontecendo, no Brasil pós anos 90. Mas veja, essa ideia do Peter Lee não é uma ideia que nem português, nem espanhóis, nem brasileiros abraçam. Porque, por exemplo, nós temos especificidades no Brasil que são muito fortes. Por exemplo, nós no Brasil, arrepiamos toda vez que alguém diz assim: “vamos montar uma disciplina de Estudos Sociais.” Nós ficamos arrepiados, e a gente fica nervoso com isso, por quê? Porque a nossa experiência é muito ruim.





Aqui em Portugal, até o sexto ano, não tem história. É estudos sociais. Mas eles não têm problema nenhum com isso. Porque eles não viveram essa fase de exterminar a disciplina para criar outra que nós vivemos na ditadura. Então, assim, nós sofremos com isso. Eles não. Então, assim, são especificidades brasileiras, não é? E essa ideia, por exemplo, de um ensino de História, na verdade o Peter Lee não está dizendo que ele é neutro. O que ele está dizendo é que nós damos, às vezes, muita função para o ensino, que ele não tem. Entendeu? Então, a gente, às vezes, pesa a mão numa função que o ensino de História não tem. Que é essa questão da esquerda, da criticidade, dos movimentos sociais, do gênero, das pautas positivas. Tudo mais. Então, assim, eu acho que a revista até acompanhou. Mas eu acho que o mundo mudou mesmo e os historiadores também.

**Rivail:** Sabe o que eu estou perguntando mesmo? Porque apareceu, assim, discussões sobre identidade, depois da questão de gênero, da questão racial, da questão indígena. Então, a revista, de alguma forma, foi contemplando estes temas ao longo desses anos a medida em que foram aparecendo.

**Marlene:** Eu acho que contemplou, sim, essas mudanças, discutir o gênero, discutir os indígenas. Os artigos foram ganhando essa perspectiva também.

**Márcia:** Tem um artigo meu na revista História & Ensino que eu faço um balanço até aquele momento sobre como que mudou a revista. Então, eu mostro que antes o tema era o livro didático e vai se inserindo aos poucos a questão da educação antirracista, a questão de gênero. Então, houve uma mudança, mas faz tempo que eu escrevi esse artigo. Eu teria que fazer outro balanço para saber depois se essa questão de uma crítica ao revisionismo histórico foi sendo adotada, se a questão do autoritarismo, da ditadura, dos governos tipo Bolsonaro, teria que fazer outro levantamento para ver se isso foi incorporado. Mas ela vem acompanhando sim, inclusive os debates, as urgências sociais e os debates acadêmicos. Não só na pesquisa do ensino de História, mas na historiografia.


Ela vem acompanhando, pelo menos até quando eu fiz esse balanço, ela vem acompanhando. Ela sempre vem.

**Marlene:** Nesse ponto, eu acho que o ensino de História é mais antenado com a realidade e com as pautas dos movimentos sociais e da sociedade brasileira do que a própria historiografia. Porque a historiografia não se deixa melindrar pelo que está acontecendo no campo social.

**Márcia:** Exatamente.







**Marlene:** Então, ela continua falando, por exemplo, da cabeça do palito de fósforos sem nenhum tipo de problema, mesmo que o mundo esteja acabando. Então: “eu falo da minha tese, eu falo das minhas pesquisas, sem a preocupação que isso tenha algum componente social, ou alguma questão que envolva socialmente as pessoas, o país.” A historiografia não tem esse problema. O ensino de História já tem. Então, já [altera a] perspectiva isso, muito fortemente.

**Marcia:** O Claudiomar já dizia, ele falava para mim o seguinte: “o que eu estudava, o que eu pesquisava, o que eu fazia era útil, o que ele fazia não era útil,” exatamente por conta disso. Porque a História Antiga é a História Antiga. Não está preocupada com o problema do presente, apesar de toda a historiografia parte de um problema do presente.

Mas ele via que o ensino de História era alguma coisa que, diferente do Peter Lee, ele achava que mudava. De alguma forma ia mudar. A consciência das pessoas.

**Rivail:** Vou fazer um comentário, Márcia. Hoje as pessoas estão discutindo muito como um Império acaba, viu? Como um Império Romano acabou? Vou fazer uma brincadeira. De repente, a gente pode vislumbrar a queda de outro Império.

**Marcia:** Mas assim, a História pelo sentido que ele deu, não é? Quer dizer, ele disse: “O que eu estou fazendo não tem utilidade.”

**Marlene:** Os historiadores vão ficar loucos com essa fala, hein? O historiador acha que a história não tem que ter função nenhuma. Utilidade nenhuma.

**Marcia:** Exatamente. É bem autorreferente.

**Ronaldo:** Então, sobre essa discussão, o que o Alexandre perguntou, o que o Rivail perguntou. Eu penso que, primeiro que essa questão do olhar feminino está um pouco nisso, viu? Trabalhar com vacina e não com quimioterapia. Tentar se antever às situações. Então, essas professoras lá da década de 80 que a Marlene comentou. Elas já alertavam para algo que a ANPUH veio descobrir muito depois. Muito depois. Agora a gente vê tudo quanto é coisa que tem na ANPUH, é ensino de história para lá e ensino de história para cá. E essas discussões já foram alertadas pelas professoras e pelas gerações subsequentes, que também têm muitas mulheres. A geração inicial, mas também as gerações posteriores. A Marlene citou a professora Selva, a Lana, a Dolinha. Depois a própria Marlene também vai estar no grupo, a Flávia Caimi, Márcia Teté.

**Alexandre:** A Ana Maria Monteiro.



**Ronaldo:** É, Ana Maria Monteiro. Então, assim, vamos ter alguns homens que vão entrar no processo. Mas o campo do ensino de história antevê.


Só para terminar o raciocínio. Eu acho que a revista acompanha esses problemas, a história sensível que ele colocou. E é em cima das pesquisas, por exemplo, tem um trabalho do meu orientando Dennis Damasceno Fernandes em que ele estuda a revista História & Ensino. Na realidade, ele estuda as teses e dissertações, a Capes, mas também vai aparecer muitos artigos da História & Ensino que surgem dessas dissertações. Então, no artigo da Márcia, também tem isso. Surgem os primeiros artigos, por exemplo, ligados à História Africana, Afro-brasileira e ensino. Discussões também sobre a ditadura, a partir de 2016, por causa do recrudescimento e do reacionarismo no Brasil. Então, acredito que a revista acompanhe essas discussões, pois o campo do ensino de História não é um campo neutro, é um campo que vai para o embate. Ele é político, atua politicamente, não é? Por si só, Rivail, o pesquisador/professor do ensino de História vai agir politicamente no sentido da atuação. Exige posicionamento, de alguma maneira. Sobre o que Marlene falou antes, um dia desses a gente estava numa banca e eu falei da Didática da História e da Educação Histórica brasileira, alguma coisa assim. E o que a Marlene mencionou sobre o Peter Lee, sobre um país que não teve ditadura igual a gente teve, se você for pensar em elementos da Didática da História e da Educação Histórica, a partir da experiência do olhar dela com elementos que são brasileiros mesmo, próprios da gente. Porque isso também vai ao encontro da discussão teórica e entendo que não é só questão empírica. Então, queria saber do olhar da Marlene, que é uma das grandes pesquisadoras da Educação Histórica. Gostaria de saber se dá para dizer que há uma Educação Histórica brasileira.

**Marlene:** Não existe uma Didática da História e uma Educação Histórica brasileira. Existe, sim, formas brasileiras de se pensar e de se pesquisar a Educação Histórica e a Didática da História. Mas não são brasileiras, são referenciais europeus. Aliás, para o horror dos decolonialistas, não é? Mas não adianta, não tem como eu fazer uma pesquisa usando um referencial da Educação Histórica, ou da Didática da História, sem usar os europeus. Como dizia o próprio Estevão, não tem como nem falar de História sem usar os europeus, pelo contexto em que a História foi criada.

**Ronaldo:** A Kátia Abud também fala isso.

**Márcia:** Primeiro, eu queria deixar bem evidente aqui para vocês que eu tenho profunda admiração pela Marlene. Já falei algumas vezes sobre isso em algumas bancas, porque ela teve grande influência na minha carreira. Ela foi muito gentil em me apoiar, me convidar para o grupo de estudos. E se eu fui para Barcelona

e Portugal apresentar trabalhos, porque ela me puxou para isso. Então, eu tenho só a dizer que foi muito importante a pessoa da Marlene na minha vida. Inclusive, retomar que ela entrou para fazer a graduação em 83 e eu entrei em 84. Ela se formou em 87 e eu em 88. Mas, ela se esqueceu de dizer que foi minha supervisora de estágio. Dá a impressão que ela nunca trabalhou lá na escola, não deu aula na escola. Ficou só no teórico, mas não foi bem assim. Ela foi minha supervisora de estágio. Ela começou muito cedo a ter esse vínculo com o ensino de História, com a metodologia e a prática. Eu estou aqui para falar disso e também que eu estou tendo que fazer uma pesquisa sobre os artigos de ensino de História desde 1992. Eu fiz esse levantamento, sendo que a minha parte é fazer o levantamento dos laboratórios de ensino de História. O laboratório de ensino de História da UEL é o mais antigo. Nós temos hoje 37 laboratórios de Didática de História e/ou ensino de História. Eu fiz questão de deixar ainda na lista o laboratório de ensino de História da UEL por conta da revista. A minha outra parte é fazer um levantamento de todos os artigos desde 1992 sobre ensino de História. E é muito interessante ver que a gente começa em 92 com apenas dois artigos de ensino de História. E conforme nós temos a revista História & Ensino, lógico, vai aumentando a quantidade desses artigos. A gente tem aí um crescimento da produção de artigos de ensino de História pela revista História & Ensino. Isso é patente. Nós vamos ter artigos em outras revistas, na Revista Brasileira de História, em outras revistas, mas onde está concentrado mesmo a produção de artigos é na revista História & Ensino. Depois a gente tem a revista História Hoje, vai aumentando a quantidade de pesquisa, de revistas que deixam submeterem artigos de ensino de História. Mas o grosso mesmo de artigos de produção é a revista, até hoje, História & Ensino. Então em termos de estatística, de gráficos, não tem nem o que se discutir. A revista, ela ganha até mesmo da História Hoje, que é uma revista da ANPUH. A pergunta que eu tenho que fazer, não sei se é uma pergunta, ou um comentário, é que às vezes a gente tem que encarar essa história sobrecarregada, história difícil, sensível, e dizer que nem sempre foi tão fácil assim publicar essa revista, não foi fácil. A revista, ela foi importante para justificar inclusive no Mestrado em História Social, a linha de pesquisa Ensino de História, mas ela nunca, pelo menos enquanto eu estava como editora, a revista nunca recebeu nenhum apoio do Departamento de História. Nenhum bolsista, nenhum estagiário, nenhum dinheiro, nada, nada. Uma vez o Luís Fernando Cerri falou que a gente tem mania de achar que nós somos o patinho feio da História. Somos! Somos porque, pelo menos enquanto eu fui editora, não tinha incentivo nenhum, incentivo zero. Zero. Nem carga horária para fazer esse trabalho de editoração da revista, a gente tinha. Não tinha nem duas horas por semana para fazer isso. Nunca teve. Não sei como é que está agora. Certo? Se existe. Mas, assim, a gente até debochou um pouco aqui, ah, ensino de História é alguma coisa mais útil, mas, assim, o departamento




tem dificuldade, não é só o Departamento de História da UEL não. Dificuldade de ver o ensino de História ainda como uma área importante, como uma área de pesquisa. Na universidade em que eu trabalho agora, na UEM, a gente tem essa dificuldade ainda. Ainda existe um desconhecimento de como funciona, do que é pesquisa em ensino de História. Então, assim, é uma parte da história da revista, História & Ensino que deve ser colocada também. A gente sempre teve que lidar com muitas dificuldades. E ser, não gosto dessa palavra, ser flexível para dar conta da demanda da revista. Mas, em termos de departamento, lá na UEM não tem área de ensino de História. Não existe a área. E todo mundo quando entra, para concurso público e teste seletivo, entra pelo ensino de História. Chega lá, escolhe a área que ele quer trabalhar.


**Rivail:** Houve um tempo em que só se entrava pela História Econômica.

**Márcia:** Exatamente, na UEL também. Mas até hoje para você entrar lá, por teste seletivo. A sua área é outra, mas você vai no teste seletivo de ensino de História, que eles entendem que você fazendo esse teste, você pode dar aula na área que você quiser. Então, não existe uma área, na verdade. Não é visto como campo de pesquisa. Mas eu só queria mesmo levantar essa história difícil da gente, de que somos sim o patinho feio da História, que foi muito difícil, quando eu fiquei como editora, mas foi muito difícil para mim.

**Alexandre:** Eu estou aqui há quatro anos, então não tenho noção do que aconteceu antes. Desde que eu entrei, houve um apoio, mas o Departamento não tem dinheiro. Então, o dinheiro veio pelo Programa de Pós-Graduação. Mas é difícil conseguir quem ajude. Então, por exemplo, conseguiram dois alunos que eram bolsistas de mestrado para ajudar. O Rivail tem atuado como coeditor e eu como editor, o que tem sido muito importante para dar continuidade à revista. Contudo, de fato é muito trabalhoso. O Programa tem pago uma empresa para diagramar alguns dos números e criar uma nova arte na História & Ensino.

**Márcia:** No meu caso, eu fazia diagramação, eu fazia a capa, mas eu, não era a questão de bético, é de não ver importância. Mesmo no caso que eu citei lá da UEM, não é que existe uma rixa entre uma coisa ou outra. Não é, entre professores e grupos, é de não conseguir perceber a importância. Independentemente de qualquer coisa, eu tive que, no caso que eu falei do dossiê, justificar que aquilo é importante e que existe pesquisa sobre ensino de história. Não é uma resistência que a pessoa tem, mas um desconhecimento de como que funciona.





**Rivail:** Quanto a isso, Márcia, eu vou dizer para você que quando eu assumi a coordenação do Programa, nós tivemos problemas seríssimos para a manutenção da revista. Porque depois que você saiu, eu não me lembro quem foi o editor e aí nós tivemos que recorrer ao Eder, mas eu conversei com a Marlene, depois recorremos ao Ronaldo porque eu tentei procurar várias pessoas ali dentro do Departamento, na área, para poder assumir a edição da revista, para não deixar a revista parar. Esse foi o meu trabalho.


**Ronaldo:** Eu sucedi a Marcia e o Eder me sucedeu.

**Rivail:** Isso, então foi o Ronaldo e o Eder. E aí eu queria muito agradecer ao Ronaldo e ao Eder, mas existindo agradecimento a ele também. E depois, quando o Alexandre chegou, parece que o Alexandre foi assim um: “agora a gente vai ter alguém que vai poder dar continuidade ao trabalho da revista.” Marlene, porque se não tivesse chegado o Alexandre, nós iríamos ter que continuar recorrendo a pessoas de fora porque eu não encontrei nenhum professor, mesmo da nossa área, dentro do Departamento, que se dispusesse a dar continuidade ao trabalho da revista História & Ensino. Apesar da revista já ter todo esse conhecimento, essa avaliação positiva. O Alexandre, então, assumiu, deu um frescor, mas eu passei por maus momentos sem saber o que fazer, porque ninguém se dispunha a querer fazer o trabalho de editoração da revista. Eu falei: “olha, eu avaliava, nós não podemos deixar a revista acabar.” E chegou uma hora que eu pensei, Marlene, que se não fosse o Ronaldo e depois o Eder, ia acabar a revista. Eu queira aqui agradecer até publicamente mesmo ao Ronaldo e a Alexandre, que enfrentou essa parada aí de dar continuidade ao trabalho.

**Ronaldo:** Então, a Márcia falou a questão da gratidão, não é mesmo? Queria mencionar também, eu sou muito grato a Marlene, porque quando eu chego na UNESP, a Marlene e a Márcia também me acolhem, totalmente. E seja por convites, para estar lá na UEL, mas também para ingressar na linha de Ensino de História do Programa de Pós-Graduação em História. E depois eu recebi o convite da editoração, que é um desafio mesmo, esse negócio de editar revistas. É um desafio, pois aprendi bastante. Então, eu sou muito grato à generosidade da Marlene, como colega da área de pesquisa, mas principalmente como ser humano. Porque é uma pessoa que sempre me acolheu. E aí vem a questão da pesquisa, do incentivo e dos convites para estar junto em bancas, em eventos e em atividades. E eu nunca me achei merecedor disso. E viu, Marlene, eu queria mencionar aqui que se eu hoje sou livre-docente lá na UNESP de Assis, devo muito a você e a Márcia.


Marlene, você aposentou muito jovem, no auge da sua carreira com pesquisadora,





um auge longo, mas é um auge. E a gente está te entrevistando hoje aqui e falando do laboratório, da sua trajetória, do seu início na universidade, juvenzinha lá, lecionando com muitos desafios, vinda de uma família da classe trabalhadora. Tem um grupo de pesquisa com vários orientandos de mestrado e doutorado. Gente que já defendeu seus trabalhos. A revista, que é a principal de ensino de história no país, de vanguarda, mesmo com todas as dificuldades aqui colocadas. Uma linha de pesquisa de Ensino de História, da qual a gente faz parte. A gente vê tudo isso como um legado seu. Por isso, eu queria perguntar se você se sente deixando um legado para a UEL e também para as pessoas que atravessaram a sua história. E eu concordo, não há uma Didática da História brasileira, mas uma forma toda de se fazer pesquisa brasileira dentro da Didática da História e da Educação Histórica, depois de 20 anos. Então, em resumo, você se sente ou entende que está deixando algum legado para a universidade, para a UEL, professora Marlene Cainelli?

**Marlene:** Legado? Acho que não. Eu não me sinto assim que eu tenha deixado um legado. Mas eu acho que sim, que enquanto a área de conhecimento e importância da UEL na área do ensino de História, eu me sinto responsável, sim. Eu acho que a UEL só é citada, como é importante no ensino de História, por conta do trabalho que, claro, que eu não fiz sozinha, mas por conta do trabalho que eu coordenei, que eu institui na UEL enquanto, por exemplo, estágio supervisionado. Até eu entrar na UEL como professora, o estágio supervisionado era uma piada. Não existia. A professora Mariana tinha 40, 50, 60 alunos, então não tinha estágio supervisionado. Os alunos iam lá e davam uma aula e tudo mais. Depois que eu entrei, que o estágio supervisionado se tornou realmente algo de referência. E depois, por outros professores, enquanto coordenadora de estágio, foi um legado, e esse é um legado mesmo. Para condicionar como estágio supervisionado, o supervisor tem que estar lá na sala de aula, junto com o aluno. Não que aconteça, isso sempre. Mas isso era uma questão muito firme no estágio. Tem gente que não gostava disso, que achava que era um absurdo o que eu exigia dos professores de estágio, mas tinha que estar em sala de aula sim. O estágio supervisionado é quando o professor está junto. Eu lembrava da Kátia Abud, na USP. Tinha 100 alunos, 120 alunos, e chamavam isso de estágio supervisionado. Isso não existe. O aluno faz o estágio e tem o apoio lá da professora, mas não é estágio supervisionado. E um dos legados que eu acho é a área ter 8 professores. Foi um trabalho importante. A área tinha 1 professor. Quando eu saí tinha 8. Agora não sei, quantos tem, mas eram 8 professores. Eram, 8 professores efetivos, trabalhando na área. De fato era uma área. Esse é um legado que sim, eu carrego para mim. E a importância que a UEL teve no cenário nacional. Os eventos organizados, a revista História & Ensino. A importância da UEL no cenário nacional na área de ensino de História, claro que se meu nome não estiver lá, não





existe. Então isso sim. Agora, o legado é quando as pessoas se lembram. Há quantos anos, eu saí há 5 anos, será que alguém se lembra que eu fui professora lá? Alguém usa os meus textos? Enquanto as pessoas tiveram os meus artigos, o meu livro, lá na UEL, talvez eu tenha um legado. Eu sei que tem gente que usa.

Eu encontrei uma aluna que estava se formando e ela falou assim: “meu grande trauma na vida é que eu nunca consegui ser sua aluna. Tentei várias vezes, nunca consegui.” Porque eu também nunca dei aula no curso noturno. Depois, quer dizer, dei aula no curso noturno quando era solteira, não é mesmo? Depois que a Julia nasceu, eu nunca mais dei aula no curso noturno. Só dava aula no diurno. Porque a noite não tinha como. Eu e o Gilmar nos revezávamos. Ele trabalhava a noite e eu trabalhava de dia. Então assim, de muitos alunos eu não fui professora. Assim como o Eder, por exemplo. Eu nunca fui professora do Eder, pois ele foi aluno no curso noturno. Então eu não cheguei a dar aula para o Eder. E outros professores que estão aí pela vida e que se formaram na UEL. Então assim, professores como o Eder, como o Thiago, Sanchez, que está na Unila, como o próprio Arnaldo e outros professores que estão por aí, que foram formados dentro de uma perspectiva de um ensino de História com importância no Departamento de História. Um ensino de História que tinha importância. Então, assim, lembro das reformas curriculares, da briga das reformas curriculares, nos debates das reformas curriculares. Aí sim, eu acho que eu tive uma certa importância nas reformas e na forma como o ensino de História está hoje na UEL.

**Ronaldo:** Coordenou PNLD também.

**Marlene:** Coordenei PNLD pela UEL. Coordenei o PDE por 10 anos. Então assim, são várias coisas que realmente são importantes. Mas eu não sei se enquanto legado. O legado vai saber daqui a uns 50 anos. Se daqui a 50 anos, como eu citei a professora Elza Nadai aqui 30 anos depois, aí sim é um legado.


**Alexandre:** PIBID também, não é mesmo?

**Marlene:** PIBID também, por 9 anos. Eu saí, e a Márcia ficou quando eu fui para o Pós-Doutorado.

**Marcia:** As orientações de Mestrado e Doutorado.

**Marlene:** Já participei de mais de 120 bancas.


**Alexandre:** E foram também 31 orientações de Mestrado, 5 de Doutorado, 3 supervisões de Pós-Doutorado, 5 orientações de Doutorado em andamento, 37 capítulos, 12 livros como autora ou organizadora.



**Marlene:** É um trabalho, uma vida. Eu gosto de dizer que eu trabalhei, na UEL. Não fui passear, entendeu? Eu trabalhei mesmo. Trabalhei, pesquisei, dei aula. Mas eu acho que o mais importante na UEL que eu fiz não foi pesquisar, não foi dar aula mesmo, foi a docência. Foi me entender professora dentro da perspectiva de professora da UEL. Isso é uma coisa que eu gosto. Eu tenho um quadro em casa que diz que eu recebi uma medalha da UEL porque eu fui aluna e depois fui professora. Eu tenho um quadro de reconhecimento da universidade por isso. Então, eu gosto de dizer assim: “eu fui professora da UEL 31 anos, mas estou na UEL há 40.” Fui 40 anos todos os dias para aquela instituição. Então, não é pouco. Eu gosto desse reconhecimento das pessoas lembrarem que eu sou da UEL, lembrarem que eu trabalhei, isso sim. Mas legado, daqui talvez uns 30 anos você pode dizer assim: “olha, professora Marlene deixou um legado.” Quem sabe?

Desses 30 anos da revista História & Ensino, eu concordo com a Márcia que houve momentos muito difíceis. O Rivail também disse isso, de manutenção da revista. E ela ficou porque teve pessoas que enfrentaram esses problemas, que se dedicaram, como a Márcia, que se dedicou a continuar a revista, mesmo com todos as questões difíceis. Foi a Márcia que colocou a revista no mundo tecnológico, colocou a revista digital. Não tinha nem o número digital, ainda bem que colocou, porque tem números da revista que simplesmente desapareceram, não existe mais. Então, uma ou outra pessoa que tem, como o primeiro número, por exemplo, que é só alguns privilegiados que continuam tendo. E agora eles estão online, então isso é importante.

30 anos é importante pensar que é algo que, na verdade, ficou. É algo que se materializou. Porque a gente dá aula, escreve artigo, mas a revista é uma materialidade do nosso trabalho. Hoje as pessoas buscam, publicam. No Google, a busca pela História & Ensino é imensa. Eu vejo que ela é uma revista importante hoje, demandada. Eu vi que vocês tiveram até que cortar um pouco as submissões. É uma Revista que os pesquisadores buscam, procuram. Isso é muito importante. Mesmo que ela não tenha sido pensada para pesquisador, escrever suas pesquisas e tudo mais. Mas, ela ganhou outra forma e está aí hoje, como uma revista do Programa de História da UEL. O que é importante também, pois não foi reconhecida no início. Porque no início a revista era a Antíteses, que era do Programa. A História & Ensino não era. Agora é uma revista reconhecida, A1, que ganhou vida própria. Ela é hoje o que ela é, independentemente de como foi seu escopo, quando foi criada em 1995. Ganhou vida. Isso é importantíssimo. É importante quando os filhos ganham a vida própria. Caminham com suas próprias pernas. É importante que a revista continue caminhando com suas próprias pernas. Eu tive muito medo de quando eu me aposentei da revista acabar. Desaparecer. Foi muita terapia: “você não tem mais



responsabilidade sobre isso.” Então, como ela ganhou vida própria, ela caminha com suas próprias pernas. Hoje com você, Alexandre, e com o Rivail, amanhã com outra pessoa. Não acredito que ela tenha possibilidade de ter uma finitude, porque ela realmente ganhou vida própria. Isso é muito importante. Ganhou a vida própria porque é autônoma, porque ela se sustenta, porque faz um bom trabalho na área do ensino de História.

## Notas

<sup>1</sup> Jornalista conservador, porta-voz do General João Batista Figueiredo, último presidente da ditadura brasileira. Este jornalista terminou por se perfilar à extrema direita durante o governo Jair Bolsonaro.

<sup>2</sup> Se refere aqui aos movimentos políticos e de massa pela volta das eleições diretas para presidente no Brasil. Foram grandes mobilizações populares, entre os anos de 1983 e 1984, intituladas Diretas Já!